

## A função da razão

(The function of reason, Beacon Press, Boston. Copyright 1929 by Princeton University Press)

### Resumo introdutório (introductory summary)

A história revela duas tendências principais no curso dos acontecimentos. Uma tendência é exemplificada pelo decaimento lento da natureza física. Com inevitabilidade dissimulada, há decaimento de energia. As fontes de atividade decaem cada vez mais. A matéria se desgasta. A outra tendência é exemplificada pela renovação anual da natureza na primavera e pelo curso ascendente da evolução biológica. Nessas páginas, considero a Razão em sua relação com esses aspectos contrastantes da história. A Razão é a auto-disciplina do elemento seminal na história. Fora das operações da Razão, este elemento é anárquico.

### Capítulo um

(3) O tópico aqui considerado - A função da razão - é um dos tópicos mais antigos da discussão filosófica. Qual é a função da razão em meio à massa de nossas experiências mentais, em meio a nossas intuições, nossas emoções, nossas intenções, nossas decisões de importância (decisions of emphasis)? Para responder a tais questões, temos que considerar a natureza da Razão, sua essência. Evidente que esse é um tema bem comum. Sua discussão remonta ao início do pensamento filosófico. Mas é uma tarefa de filósofos discutir esses tópicos fundamentais e situá-los na cena iluminada pelas nossas maneiras modernas de pensar.

Várias expressões são por si mesmas sugestivas e trazem à tona as controvérsias particulares que dependem da determinação da verdadeira função de Razão:

Fé e Razão; Razão e Autoridade; Razão e Intuição; Razão, Atividade, Intenção; Metodologia Científica; Filosofia (4) e Ciências; Racionalismo, Ceticismo, Dogmatismo; Razão e Empirismo; Pragmatismo.

Cada uma dessas expressões sugere o âmbito e a limitação desse mesmo âmbito da Razão. Além disso, a variedade de tópicos incluída nelas, mostra que não esgotamos nosso assunto com a ajuda de um arranjo de expressões verbais.

Apesar dessa advertência para evitar meras expressões, começarei com uma definição preliminar da função da Razão, uma definição a ser ilustrada, distorcida e ampliada, conforme a discussão prosseguir.

*A função da Razão é promover a arte de vida.*

Na interpretação desta definição, devo imediatamente combinar a questão com a falácia evolucionista sugerida pela expressão "a sobrevivência do mais forte". A falácia não consiste em crer que na luta pela existência o mais apto a sobreviver elimine o menos apto. O fato é óbvio e salta aos olhos (stares us in the face). A falácia é a crença de que o mais apto a sobreviver se identifica com a melhor exemplificação da Arte da Vida.

De fato, a vida é, em si mesma, deficiente em valor de sobrevivência. A arte de persistência é para mortos. Somente coisas inorgânicas persistem por grande período de tempo. Uma pedra sobrevive por oitocentos milhões de anos, enquanto que o limite para uma árvore é por volta de mil anos, para um homem (5) ou para um elefante, cinquenta ou cem anos, para um cachorro doze anos, para um inseto algo em torno de um ano. O problema colocado pela doutrina da evolução é o de explicar como organismos complexos com tal poder deficiente de sobrevivência tenham sempre evoluído. Eles certamente não apareceram porque eram os melhores no jogo do que as pedras ao seu redor. Talvez seja possível explicar "a origem das espécies" pela doutrina da luta pela existência entre tais

organismos. Mas, certamente esta luta não traz nenhuma luz sobre a emergência de tal tipo geral de organismo complexo, com fraco poder de sobrevivência. Este problema não pode ser resolvido por nenhum dogma, produto de mero pensamento abstrato elaborando suas noções de aptidão das coisas. A solução requer que o pensamento dê plena atenção à evidência empírica e à totalidade dessa evidência.

A variedade de espécies de seres vivos é muito ampla. Estende-se da humanidade, passa através de todos os vertebrados, de insetos e de animais escassamente organizados que se parecem com sociedades de células, passa pelas variedades da vida vegetal e desce até as mínimas formas microscópicas de vida. No nível mais baixo da escala, é incerto estabelecer alguma distinção precisa entre seres vivos e matéria inorgânica. Há (6) duas maneiras de tratar dessa variedade de espécies. Uma maneira que abstrai o tempo e considera a variedade de espécies como que ilustrando vários níveis de vida. A outra maneira enfatiza o tempo ao considerar as relações genéticas de uma espécie com outra.

Essa última maneira compreende a doutrina da evolução e interpreta o desaparecimento de espécies e a variação esporádica dos indivíduos como sendo devidas a um desajuste com o meio. Essa explicação tem sua medida de verdade: é uma das grandes generalizações da ciência. Mas, os entusiastas forçaram tanto sua interpretação a ponto de fazer com que ela não explique nada, pelo simples fato de que ela explica tudo. Quase nunca conhecemos o caráter definitivo da luta que ocasionou o desaparecimento. A proposição parece com o refrão litúrgico de uma litania, cantado sobre fósseis de espécies desaparecidas. Se o mero fato de morrer for prova suficiente do desajuste para com o meio, a explicação fica reduzida à tautologia. A importância da doutrina da luta pela existência depende da suposição de que seres vivos se reproduzem em número suficiente de descendentes saudáveis e que, para isso, a adaptação ao meio é o único fator decisivo. Esta dupla suposição de prolificidade e de saúde não é, obviamente, sempre verdadeira em casos (7) particulares. Há limitações para a doutrina de Malthus.

Mas há outro fator na evolução que não é nem minimamente explicado pela doutrina da sobrevivência do mais forte. Por que a tendência da evolução foi para cima? O fato de que espécies orgânicas foram produzidas pelas distribuições de matéria inorgânica e o fato de que num lapso de tempo espécies orgânicas, de um nível vez mais alto, tenham evoluído, não são de modo algum explicados pelas doutrinas da adaptação ou da luta.

De fato, a tendência para cima foi acompanhada pelo crescimento da relação contrária. Animais empreenderam progressivamente a tarefa de adaptar o meio a eles. Construíram ninhos e locais de habitação social de grande complexidade; castores derrubaram árvores e represaram rios; insetos elaboraram importantes comunidades de vida com uma variedade de reações sobre o meio.

Mesmo as mais íntimas ações dos animais são modificações do meio. Os mais simples seres vivos deixam seu alimento nadar em direção a eles. Os animais superiores perseguem seu alimento, apanham-no e o mastigam. Agindo assim, transformam o meio para suas intenções. Alguns animais escavam por seu alimento, outros (8) espreitam suas presas. Evidentemente todas essas operações são sugeridas pela doutrina comum da adaptação ao meio. Mas são expressas de modo bastante inadequado por tal discurso; os fatos reais facilmente ficam fora do campo de visão encoberto por aquele discurso. As formas de vida mais altas são ativamente engajadas em modificar seus meios. No caso da humanidade, esse ataque ativo ao meio é o mais proeminente fato na sua existência.

Agora exponho a tese que a explicação deste ataque ativo ao meio é um impulso em três tempos: (i) viver, (ii) viver bem, (iii) viver melhor. De fato, a arte de viver é num *primeiro* momento, estar vivo, num *segundo* viver de modo satisfatório e em *terceiro*, adquirir um acréscimo de satisfação. É nesse ponto de nossa argumentação, sobre a promoção da arte de viver, que temos que recorrer à função da Razão. A função primária da Razão é a direção do ataque ao meio.

Essa conclusão equivale à tese de que a Razão é um fator na experiência que direciona e critica o impulso em direção à obtenção de um fim produzido na imaginação, mas não efetuado.

Do ponto de vista da doutrina fisiológica predominante, esta tese é uma completa heresia. Para as mais antigas (9) discussões mencionadas anteriormente - Fé e Razão, Razão e Autoridade, e assim por diante - eu teria que acrescentar uma outra, Fisiologia e Causa Final. Quando acrescentamos esse item, colocamos a discussão sobre a Razão em sua configuração moderna.

Temos agora, efetivamente, os dois modos contrastantes de considerar a Razão. Podemos pensá-la como uma entre as operações envolvidas na existência de um corpo animal, e podemos pensá-la abstraindo de quaisquer operações animais particulares. No último modo de consideração, Razão é a operação de realização teórica. Na realização teórica, o Universo, ou pelo menos os fatores no Universo, são entendidos em seu caráter de exemplificação de um sistema teórico. A Razão efetua a possibilidade de alguma forma complexa de definição e, concorrentemente, compreende o mundo, em um de seus fatores, como exemplificando aquela forma de definição.

As antigas controvérsias lidam principalmente com este último modo de considerar a Razão. Para elas, a Razão é a faculdade divina que avalia, julga e entende. Nas mais novas controvérsias, a Razão é um dos itens implicados na totalidade do processo. Se a Razão teórica deve (10) ser satisfeita em sua própria situação, é óbvio que os dois pontos de vista devem ser tratados juntos. Mas muita confusão é ocasionada pela inconsistente hesitação e falta de coordenação entre os dois pontos de vista. Há Razão se afirmando acima do mundo e há Razão como um dos muitos fatores no mundo. Os gregos nos legaram duas figuras cuja vivacidade, real ou mítica, corresponde a essas duas noções: Platão e Ulisses. O primeiro compartilha a Razão com os deuses, o outro a compartilha com as raposas.

Podemos combinar a discussão desses dois aspectos da Razão ao considerarmos a relevância da noção de causa final para o comportamento dos corpos animais. Veremos, então, como a Razão teórica e prática opera, de fato, na mente dos homens.

Aqueles fisiólogos que expressam a opinião comum de seus laboratórios, dizem para nós, com unanimidade prática, que nenhuma consideração de causas finais deveria ser introduzida na ciência da fisiologia. Sobre isso, os fisiólogos estão em harmonia com Francis Bacon no início da era científica e também de acordo com a prática de todas as ciências naturais.

Nessa rejeição da causa final, o testemunho parece irresistível até que nos lembremos que esse testemunho tem exatamente a mesma força e caráter do que aquele que levou a parte instruída do mundo clássico (11) a rejeitar a perspectiva cristã, e que levou o mundo instruído da escolástica a rejeitar a perspectiva científica dos séculos XVI e XVII. Temos que lembrar dos dois aspectos da Razão, a Razão de Platão e a Razão de Ulisses, Razão enquanto busca de um entendimento completo e Razão enquanto busca de um método imediato de ação.

Enquanto questão de metodologia científica, não pode haver dúvidas de que os cientistas estavam certos. Mas temos que discriminar entre o peso a ser dado à opinião científica na seleção de seus métodos e a credibilidade na formulação de juízos do entendimento. O menos cuidadoso exame da história da ciência natural mostra que a opinião científica em curso é quase infalível no primeiro caso e é invariavelmente errada no segundo. O homem com um bom método para os propósitos de seus interesses dominantes é um caso patológico a respeito de seu juízo mais amplo sobre a coordenação deste método com uma experiência mais completa. Sacerdotes e cientistas, estadistas e

homens de negócio, filósofos e matemáticos são todos iguais a esse respeito.. Todos começamos sendo empiristas. Mas nosso empirismo está confinado a nossos interesses. Quanto mais inequivocamente dominamos a análise intelectual capaz de regular o procedimento voltado para aqueles interesses, mais (12) decididamente rejeitamos a inclusão da evidência que recusa a ser imediatamente harmonizada com o método diante de nós. Alguns dos maiores desastres da humanidade foram produzidos pela estreiteza de homens com uma boa metodologia. Ulisses não faz nenhum uso de Platão e os ossos de seus companheiros estão espalhados sobre muitos recifes e ilhas.

A doutrina particular em questão é: nas transformações de matéria e energia que constituem as atividades de um corpo animal nenhum outro princípio diferente do que governa as atividades da matéria inorgânica pode ser discernido. Não pode haver nenhuma disputa quanto aos fatos fisiológicos mais importantes. Nenhuma reação entre os componentes materiais de um corpo animal foi observada que infringisse as leis físicas e químicas aplicadas ao comportamento do material inorgânico. Mas essa é uma posição bem diferente da doutrina de que nenhum princípio adicional pode ser incluído. As duas proposições só são idênticas na suposição de que os tipo de princípios físicos implicados são suficientes para determinar definitivamente as atividades particulares de cada corpo.

Com certeza, este não é o caso se nos referimos a princípios tais como o da conservação de energia e das reações químicas. Assume-se frequentemente que mesmo uma única lei (13) da conservação de energia determina, sem ambiguidade, as atividades daquilo a que se aplica. É difícil entender como tal ficção sem fundamento pode ter surgido.

Mas o ponto para o qual quero direcionar a atenção é a massa de evidência situada fora do método fisiológico e que é simplesmente ignorada pela doutrina científica dominante. A conduta das questões humanas é inteiramente dominada pela nossa previsão determinando propósitos e propósitos levando a condutas. Quase toda sentença que proferimos e todo juízo que formamos pressupõem nossa inabalável experiência deste elemento na vida. A evidência é tão irresistível, a crença tão inquestionável, a evidência da linguagem tão decisiva que é difícil saber por onde começar a demonstrá-la. Por exemplo, falamos da política de um estadista ou de uma corporação de negócios. Retirem a noção de causa final e a palavra "política" perde seu sentido. Enquanto escrevo esta conferência, pretendo apresentá-la na Princeton University. Retirem a noção de causa final, esta "intenção" fica sem sentido. Considerem, ainda, a viagem do navio de guerra *Utah* em torno do continente sul americano. Considerem, inicialmente, o próprio navio. Somos convidados a crer que o concurso dos átomos de ferro e de nitrogênio e outros tipos de elementos químicos, na forma do (14) navio, de seu casco, de suas armas, de seus motores, de sua munição, de seus estoques de alimento, - é um concurso que se deve puramente ao efeito de leis físicas, as mesmas que fazem as ondas do oceano baterem, sem propósito, nas costas do Maine. Não poderia haver mais *finalidade (aim)* em um episódio do que no outro. A atividade dos construtores de navios seria meramente análoga ao rolar de um seixo na praia.

Passemos, agora, a considerar - ainda pressupondo a doutrina fisiológica ortodoxa - a viagem do navio. O presidente eleito dos EUA não tem nada com isso. Suas intenções a respeito da política na América do Sul e à benevolência no mundo estavam fora de questão, sendo irrelevâncias fúteis. Os movimentos corporais, o dos corpos dos marinheiros, assim como os movimentos dos construtores de navios, eram puramente governados pelas leis físicas que levam uma pedra a rolar numa ladeira e a água a ferver. Ideia verdadeiramente ridícula.

Evidentemente que nos dirão que a doutrina não se aplica à conduta dos homens. Mas, os movimentos corporais são operações fisiológicas. Se essas operações são cegas, então, os movimentos o são do mesmo modo. Homens são, também, animais. Seguramente, todo o debate sobre a evolução era sobre este último ponto.

(15)

Também será dito que deveríamos observar a questão historicamente. A humanidade se desenvolveu gradualmente desde formas de vida inferiores e, por isso, deve ser explicada em termos aplicáveis a todas essas formas. Mas, por que interpretar a última forma por uma analogia com as primeiras? Por que não reverter o processo? Poderia parecer mais sensato, mais verdadeiramente empírico, demonstrar os fatores inerentes aos seres vivos, admitindo a contribuição própria de cada espécie.

Não preciso continuar a discussão. O caso é de elaboração bem evidente. Mesmo o corpo treinado de fisiólogos sob a influência de ideias pertinentes para o sucesso de sua metodologia ignora inteiramente a massa completa de evidências adversas. Temos aqui um exemplo colossal de dogmatismo anti-empírico surgindo de uma metodologia bem sucedida. Evidências que ficam fora do método simplesmente não contam. Lembrem-nos, é claro, que a negligência desta evidência surge do fato de que ela está fora do alcance da metodologia da ciência. Método que consiste em traçar a persistência de princípios físicos e químicos nas operações fisiológicas.

É admitido o sucesso brilhante deste método. Mas não se pode limitar um problema por causa de um método de abordagem. O problema é compreender as operações (16) de um corpo animal. Há uma clara evidência de que certas operações de certos corpos animais dependem da previsão de um fim e de um propósito a ser atingido. Não é uma solução do problema ignorar esta evidência porque outras operações foram explicadas em termos de leis físicas e químicas. A existência de um problema não é assim nem mesmo reconhecida. É veementemente negada. Muitos cientistas projetaram pacientemente experimentos com a *intenção* de fundamentar sua crença de que as operações animais não são motivadas por quaisquer intenções. Talvez tenham gastado seu tempo disponível escrevendo artigos para provar que seres humanos são como os outros animais e que, portanto, a categoria "intenção" é uma categoria irrelevante para a explicação de suas atividades corporais, incluindo suas próprias atividades. Cientistas animados pela intenção de provar que são sem intenção constituem um interessante objeto de estudo.

Outra razão para a expulsão da causa final é que ela introduz um perigoso modo de explicação fácil. Isto é certamente verdade. O trabalho laborioso de traçar a sequência de antecedentes físicos é capaz de ser desencorajada pela sugestão fácil de uma causa final. Contudo, o mero fato de que introdução da noção de causa final tem seus perigos não é motivo (17) para ignorar um problema real. Mesmo que as cabeças sejam fracas, o problema permanece.

O clero cristão apresentou, frequentemente, as mesmas objeções para inovações consideradas perigosas para a fé e para a moral. O mundo científico se ressentiu veementemente de tais limitações para a livre consideração de evidência. Mas em defesa de seus próprios dogmas, os cientistas não agem de forma diferente do clero. Os fisiologistas e a legislatura do estado do Tennessee exibem os mesmos princípios sobre a conduta humana. De fato, todos os tipos de homens estão nivelados a este respeito, e jamais melhoraremos isso, a menos que compreendamos a fonte de nossa tentação.

A evolução da Razão desde baixo foi inteiramente pragmática com um pequeno alcance de previsão. A primitiva e profundamente arraigada satisfação derivada da Razão, uma satisfação

decorrente de uma hereditariedade imemorial, é proporcionada pela clarificação enfática de algum método regulando a prática corrente. O método funciona e a Razão fica satisfeita. Não há nenhum interesse além do alcance do método. Mas mesmo esta última expressão é bastante comedida. Há um empenho ativo em restringir a curiosidade dentro do escopo do método. Qualquer frustração daquele interesse desperta um ressentimento emocional. O empirismo desaparece.

(18) Apresentar-se com a promessa de um método mais amplo, seria a melhor perspectiva para uma avaliação mais abrangente. Às vezes o método reinante já apresenta sinais de exaustão. A principal evidência de que uma metodologia está desgastada, surge quando o progresso no interior dela já não lida com os principais problemas. Há um período final de disputa infinita sobre questões menores.

Cada metodologia tem sua própria história de vida. Começa como um artilheiro que facilita o cumprimento de algum impulso nascente de vida. Em seu apogeu, representa uma ampla coordenação de pensamento e ação pela qual aquele impulso se expressa como sendo a principal satisfação da existência. Finalmente, entra na lassidão da velhice, sua segunda infância. Os mais amplos contrastes alcançáveis no escopo do método foram explorados e familiarizados. A satisfação da repetição desapareceu. A vida, então, enfrenta as últimas alternativas das quais depende seu destino.

Essas últimas alternativas surgem do caráter triplo do impulso ao qual já me referi: viver, viver bem, viver melhor. O nascimento de uma metodologia é, em sua essência, a descoberta de uma estratégia para viver. Em seu auge, satisfaz as condições imediatas para o viver bem. Mas o viver bem é instável: a lei da fadiga é inexorável. Quando alguma (19) metodologia de vida exauriu as novidades a seu alcance e tirou partido delas até a chegada da fadiga, uma decisão final determina o destino de uma espécie. Ela pode se estabilizar e deteriorar para, assim, viver; ou se agitar livremente e entrar na aventura do viver melhor.

No último caso, a espécie aproveita uma das metodologias nascentes dissimulada na confusão das diversas experiências além do alcance do modo dominante. Se a escolha for feliz, a evolução ganhará uma tendência ascendente: se infeliz, o esquecimento do tempo cobrirá os vestígios de uma raça desaparecida.

Com uma escolha feliz, o novo método rapidamente alcança seu estágio mediano. Há, então, uma nova forma de viver bem cujo prolongamento depende da variedade de contrastes incluídos no alcance do método. Em geral, a evidência indica uma certa velocidade de evolução desde a metodologia nascente até o estágio mediano que é relativamente prolongado.

No primeiro caso, quando as espécies recusam a aventura, há recaída no bem assegurado hábito do mero viver. O método original agora entra numa prolongada velhice em que o bem viver afundou no mero viver. Variedade de novidades foram perdidas, e a espécie vive sob o cego anseio de velhos costumes.

(20) A essência da Razão, em sua forma mais baixa, é seu juízo sobre flashes de novidade, de novidade em realização imediata e de novidade que é relevante para o desejo, mas que não é ainda ação. Na vida estabilizada não há lugar para a Razão. A metodologia afundou, passou de um método de novidade para um método de repetição. A Razão é o órgão de ênfase na novidade. Ela provê o juízo pelo qual se avança da intenção para a realização e, portanto, para a realização de fato.

O tédio vital é fadiga derivada de um desejo em direção a um novo contraste que foi frustrado. Na natureza, encontramos três maneiras de assegurar a estabilização. Elas podem ser nomeadas: o Modo da Cegueira, o Modo do Ritmo, o Modo da Transitoriedade. Estes modos não são mutuamente excludentes. De fato, o Modo do Ritmo parece plenamente difundido através da vida. Mas o Modo da Cegueira parece fazer a Transitoriedade desnecessária, e o Modo da Transitoriedade atenua a Cegueira. Todos os três modos parecem estar presentes numa velhice estabilizada de mera sobrevivência, mas Cegueira e Transitoriedade parecem variar inversamente uma em relação à outra.

O Modo da Cegueira significa recaída. Esta recaída elimina aqueles flashes de novos desejos que constituíram o sentido da ascensão para o estágio de vida complexa. Estes flashes são, de fato, parte do próprio estágio (21). São elementos de viva novidade de satisfação. Mas a escada para cima agora está descartada. As novidades e suas ênfases arrazoadas estão excluídas. A complexidade atingida é vivida por meio de um mais baixo nível de operações do que aquelas que levaram ao estágio atingido. A tendência ascensional está perdida. Há estabilização em algum nível mais baixo, ou recaída progressiva. O órgão de vivacidade, que é também o órgão de novidade e de fadiga, foi atrofiado.

O Modo de Transitoriedade significa a substituição de indivíduos efêmeros com o intuito de proteger a espécie da fadiga do indivíduo. Transitoriedade é realmente um modo de cegueira: procura novos indivíduos para encarar cegamente o antigo ciclo de experiência.

O Modo do Ritmo permeia toda a vida, inclusive toda existência física. Esse princípio comum de Ritmo é uma das razões para crer que os princípios fundamentais da vida são exemplificados, modestamente, em todos os tipos de existência física. No Modo do Ritmo um ciclo de experiências, formando uma determinada sequência de contrastes possíveis num método definido, é codificado de tal modo que o fim de um ciclo é o estágio antecedente adequado para o começo de um outro. O ciclo é tal que sua própria realização provê as condições para sua mera repetição. Ele (22) elimina a fadiga acompanhando a repetição em cada uma de suas partes. Somente alguma força de memória física pode integrar a fadiga decorrente do ciclo como um todo. Desde que cada ciclo é em si mesmo auto reparável, a fadiga advinda da repetição requer um alto nível de coordenação dos períodos (stretches) de experiência passada.

No nível da experiência humana, encontramos a fadiga surgindo da mera repetição de ciclos. O dispositivo pelo qual esta fadiga é neutralizada toma a forma da preservação da estrutura abstrata fundamental do ciclo, combinada com a variação dos detalhes concretos de ciclos sucessivos. Este dispositivo é particularmente ilustrado pela música e pela visão e é, evidentemente, capaz de uma enorme elaboração de complexidade de detalhes. Portanto, o Ritmo de vida não é para ser visto meramente num ciclo simples de recorrência. O elemento cíclico está insinuado desde a fundação, e variações de ciclos e ciclos de ciclos são elaborados.

Encontramos aqui, o mais óbvio exemplo de adoção de um método. A boa vida é atingida por meio do gozo de contrastes dentro do alcance de um método. Exemplificamos esta maneira pela operação de apetição numa estrutura de ordem. A Razão encontra seu alcance, nesse caso, em sua função de orientar a tendência ascensional. Em sua forma mais baixa, a Razão dá (23) ênfase ao engate conceitual (conceptual clutch) após alguma novidade revigorante. Nesse caso, a Razão está desprovida do alcance construtivo do pensamento abstrato. Opera meramente com um juízo direto simples, elevando um flash conceitual a uma apetição efetiva e uma apetição efetiva a um fato realizado.

"Fadiga" é a antítese da Razão. As operações de fadiga constituem o malogro da Razão em seu caráter primitivo de expansão após a tendência ascendente. Fadiga significa a operação de excluir o impulso em direção à novidade. Ela exclui as oportunidades do estado imediato em que a vida se encontra. Estado que foi atingido pelo aproveitamento de oportunidade. O triunfo mediano de um método se dá quando ele facilita oportunidade sem transcender a si mesmo. A mera repetição é a frustração da oportunidade. O peso da inércia sobre a Razão gera um simples ciclo recorrente de mudança, não assistido pela novidade. O impulso da Razão, obstruído por tal inércia, é fadiga. Quando o impulso frustrado finalmente desaparece, a vida preserva seu estado por tanto tempo quanto durar o interesse de suas operações formais. Mas ela perdeu o impulso pelo qual o estado foi atingido, impulso que constituiu um elemento original no próprio estado. Houve uma recaída na vida meramente repetitiva, interessada no simples viver e despida de qualquer fator (24) envolvendo esforço em direção ao viver bem e, ainda menos, qualquer esforço para viver melhor. Esse estado de vida estática nunca atinge, verdadeiramente, a estabilidade. Representa uma morosidade, um decaimento prolongado em que a complexidade do organismo declina gradualmente para formas mais simples.

Nessa descrição geral da função primitiva da Razão na vida animal, a analogia de um corpo vivo, com sua organização autônoma, para com a autonomia da organização física do universo material como um todo, foi seguida de perto. O universo material tinha contido em si, talvez ainda contenha, algum impulso misterioso para sua energia ascender. Este impulso está velado para nossa observação, ao menos no que concerne a suas operações gerais. Mas deve ter havido alguma época em que a tendência dominante era a formação de prótons, elétrons, moléculas, estrelas. Hoje, tanto quanto alcança nossa observação, elas decaem. Sabemos mais sobre o corpo animal, por meio de nossa própria experiência pessoal. No corpo animal, podemos observar a apetição para uma tendência ascendente, tendo a Razão como agente seletivo. No universo físico geral, não podemos obter nenhum conhecimento direto de um agente correspondente pelo qual ele tenha atingido seu estado presente de energia disponível. As composições de energia em forma de prótons, elétrons, (25) moléculas, poeira cósmica, estrelas, planetas, estão aí. Por mais que possa ser vasta a escala da ordem física, ela parece finita e se desgasta numa taxa finita. Por mais longo que os períodos de tempo possam ter sido, deve ter havido um começo do simples desgaste e deve haver um fim para isso. Do nada, nada vem.

O universo, enquanto construído exclusivamente em termos da causa eficiente de interconexões puramente físicas, apresenta uma contradição pura, insolúvel. A doutrina ortodoxa dos fisiólogos demanda que as operações dos corpos vivos sejam explicadas somente em termos de sistema físico, de categorias físicas. Este sistema, em seu domínio próprio, quando confrontado com os fatos empíricos, fracassa em incluir esses fatos sem cometer um ato de suicídio lógico. A moral a ser retirada da observação geral do universo físico com suas operações apreciadas em termos puramente baseado em leis físicas, negligenciadas as operações quando são inexpressíveis em tais termos, é que omitimos alguma contra-efetuação (counter-agency) geral. Esta contra-efetuação, em suas atividades através do universo físico, é por demais vasta e difusa para nossa observação direta. Podemos adquirir tal capacidade como resultado de um avanço. Mas, atualmente, conforme o modo como observamos o cosmo físico, não há intuição (26) direta da contra-efetuação da qual ele deve sua possibilidade de existência enquanto organismo finito em decaimento.

Portanto, a doutrina fisiológica ortodoxa tem a fraqueza de estabelecer suas explicações somente sobre o sistema físico que é, internamente, inconsistente.

No corpo animal há, como vimos, clara evidência de atividades dirigidas por intenções. É, então, natural reverter a analogia e questionar se alguma modesta, difusa forma das operações de Razão constitui a vasta e difusa contra-efetuação a partir da qual o cosmo material vem a ser. Essa conclusão significa o repúdio da radical extrusão da causa final de nossa teoria cosmológica. A rejeição da finalidade data de Francis Bacon no começo do séc. XVII. Como ferramenta metodológica é um sucesso inquestionável, enquanto restringirmos a atenção a certos campos limitados.

Desde que admitimos a categoria de causa final, podemos consistentemente definir a função de Razão primária. Esta função é a de constituir, enfatizar e criticar as causas finais e lutar pelos objetivos indicados por elas.

A doutrina pragmática deve aceitar essa definição. É óbvio que o pragmatismo fica sem sentido sem a noção de causa final. Pois uma doutrina nunca pode ser testada se (27) não for posta em prática. Sem considerar esta função primária, a verdadeira existência da Razão é despropositada e sua origem inexplicável. No curso da evolução, por que a tendência teria chegado na humanidade, se sua atividade de Razão permanece sem influência sobre suas ações corporais? É bem claro, sobre esse ponto, que a Razão é inexplicável se a intenção for inefetiva.

Assim, a doutrina fisiológica primária deve ser examinada desde seu princípio. Este exame leva a distinguir entre a autoridade da ciência na determinação de sua metodologia e a autoridade da ciência na determinação das últimas categorias de explicação. Somos, então, levados a considerar como uma reação natural de homens lidando com uma metodologia útil, ser contra qualquer evidência que tenda a limitar o alcance dessa metodologia. A ciência sempre sofreu do vício do exagero. Assim sendo, conclusões verdadeiras dentro das estritas limitações foram generalizadas dogmaticamente em universalidades falaciosas.

A função pragmática da Razão fornece a operação que provoca a tendência ascendente da evolução animal. Mas, a doutrina da tendência ascendente também requer explicação num universo puramente físico. Nossa formulação científica da física exhibe um universo limitado em processo de dissipação. Requeremos uma contra-efetuação (28) para explicar a existência de um universo em dissipação num tempo finito. A analogia com o corpo animal sugere que foi falaciosa a extrema rejeição, entre nossas categorias de explicação, da causa final. Uma cosmologia satisfatória deve explicar o entrelaçamento das causas eficiente e final. Tal cosmologia permanecerá, obviamente, uma explanação arbitrária se nossa doutrina dos dois modos da causalidade tiverem a forma de uma mera limitação do alcance de um modo pela intervenção do outro. O que buscamos é uma explicação da natureza metafísica das coisas em que tudo o que é determinável pela causa eficiente seja determinado desse modo e tudo o que é determinável pela causa final seja determinado desse modo. As duas esferas de operação seriam entrelaçadas e requeridas uma pela outra. Mas nenhuma delas limitaria arbitrariamente o alcance do modo alternativo.

Entretanto, verificamos que a função de curto alcance da Razão, característica de Ulisses, é Razão criticando e enfatizando os propósitos subordinados na natureza que são os agentes da causa final. Esta é a Razão como agente pragmático.

Nessa função, a Razão é a incorporação prática do impulso para transformar a mera existência em boa (29) existência, e para transformar a boa existência em melhor existência.

Mas ao observarmos o universo natural, a mera sobrevivência estática, acompanhada por um lento decaimento, parece ser a regra geral. As instâncias da tendência ascendente são representadas por laivos de casos excepcionais. Portanto, o fato geral, enquanto empiricamente apresentado para nós, aparece como sendo a tendência ascendente de poucos, combinada com um lento escapar da velha e bem difundida ordem física que forma a base da qual é feita essa ascensão.

Este fato empírico constitui um dos mais profundos e insolúveis mistérios.

Quando reconhecemos estas duas dessas duas tendências em operação, é inevitável que perguntemos como é possível conhecer a natureza das coisas a ponto de incluir este duplo caráter. Todos nos lembramos da doutrina de Bergson referente ao *élan vital* e de sua recaída na matéria. A dupla tendência de avanço e recaída está aqui plenamente estabelecida. Mas não nos foi dada uma visão explicativa. A doutrina mais antiga das substâncias individuais com suas qualidades inerentes não oferece a mínima razão para o duplo aspecto. Mas há, no mundo, uma outra dualidade óbvia que é à primeira questão a ser levada em conta por toda cosmologia - Corpo e Mente (*Body and Mind*). Se seguimos Descartes e expressamos (30) esta dualidade nos termos do conceito de substância, obtemos a noção de substâncias corporais e de substâncias mentais. Elas são puros fatos, desprovidos de qualquer valor intrínseco. É intrinsecamente impossível dar qualquer razão do porquê elas teriam vindo a existir, ou do porquê teriam persistido ou deixado de existir. Descartes nos diz que elas são sustentadas por Deus, mas fracassa em fornecer os motivos que levariam Deus a tratar disso. Esta concepção de existência substancial vazia é totalmente desprovida de visão explicativa. O movimento para excluir a causa final acabou, portanto, por fazer da doutrina da causa eficiente algo igualmente inexplicável. Descartes tem que convocar Deus para mover seus corpos. As duas tendências, ascendente e descendente não podem ser divididas. Elas existem juntas. Assim o corte preciso de Descartes entre corpos e mente é uma má interpretação do fato empírico.

Nunca elaboraremos uma metafísica explicativa se não abolirmos esta noção de ausência de valor, de existência vazia. Vacuidade é o caráter de uma abstração erradamente introduzida na noção de algo definitivamente real, de uma atualidade. Universais e proposições são vazias, não são atualidades. Mas se descartamos a noção de existência vazia, devemos conceber cada atualidade como atingindo um fim por si mesma. Sua verdadeira existência (31) é a apresentação de seus muitos componentes para si mesma, por causa de seus próprios fins. Em outras palavras, uma atualidade é uma unidade complexa que pode ser analisada como um processo de sentir seus próprios componentes. Esta é a doutrina de que cada atualidade é uma ocasião de experiência, o resultado de seus próprios propósitos.

Agora, procuro um método científico ordinário de busca para uma explicação. Tendo encontrado um exemplo de uma dualidade fundamental no universo, notadamente, a tendência física para a degradação e a contra tendência ascendente, passo a enumerar outras dualidades básicas, com o intuito de conectá-las num conceito coerente em que uma explique a outra. Temos, agora, que questionar como podemos interpretar as tendências de ascensão e de queda, corpo e mente, como duas coordenadas essenciais na natureza da experiência.

A experiência corporal é pura experiência física. Tal experiência é a simples satisfação final de ser definitivamente algo. É a auto-definição enquanto constituindo um outro fato entre outras coisas, entre outras atualidades e formas selecionadas de determinação (definiteness). A experiência física é a satisfação efetiva justamente daqueles itens que são dados para aquela ocasião. Todo componente na experiência física desempenha seu papel na pura facticidade.

(32) Mas, toda ocasião de experiência é dipolar. É a experiência mental integrada com a experiência física. A experiência mental é oposta à experiência corporal. É a experiência de formas de determinação em relação às suas desconexões a respeito de alguma experiência física, mas com avaliação abstrata daquilo com que *podem* contribuir para tal experiência. A consciência não é um elemento necessário na experiência mental. A mais baixa forma de experiência mental é impulso cego para uma *forma de* experiência, isso é, um impulso em direção a uma *forma para* realização. Estas formas de determinação são as formas platônicas, as ideias platônicas, os universais medievais.

Em sua essência, mentalidade é impulso para alguma determinação vazia, a fim de incluí-la na facticidade que é satisfação não-vazia. Esse impulso é a apetição. É propósito emocional: é efetuação (agency). A mentalidade não é mais vazia do que a satisfação física, mas carrega a pura vacuidade da forma para a realização da experiência. Na experiência física, as formas são fatores definidos: na experiência mental, as formas conectam as ocasiões imediatas com ocasiões que se situam além. A conexão do fato imediato com o futuro, reside nas apetições.

As formas mais elevadas de experiência intelectual surgem somente quando há integrações complexas e reintegrações (33) de experiência física e mental. A Razão aparece, então, como uma crítica das apetições. É um tipo de mentalidade de segunda ordem. É apetição de apetições.

A experiência mental é o órgão de novidade, o impulso para além. Ela procura vivificar o fato físico massivo, que é repetitivo, com as novidades que acenam. Portanto, a experiência mental contém em si um fator de anarquia. Podemos entender a ordem porque nos recessos de nossa própria experiência há um elemento contrastante que é anárquico.

Mas, a pura anarquia significa o nada de experiência. Gozamos os contrastes de nossa própria variedade em virtude da ordem que remove a incompatibilidade da mera diversidade. Assim, a experiência mental deve ser canalizada para a ordem.

Em sua forma mais baixa, a experiência mental é canalizada para a conformidade servil. É simplesmente a apetição para, ou a partir daquilo que, no fato, já é. A sede servil no deserto é mero impulso vindo de uma *secura* intolerável. Esta mais baixa forma de conformidade servil perpassa por toda natureza. Mas é mentalidade. Em sua forma mais baixa, escapa de toda dificuldade: não explora novas maneiras: não produz nenhum distúrbio no caráter repetitivo do fato físico (34). Não pode estender o braço para salvar a natureza de seu decaimento final. Está reduzida a ser meramente um dos atores da causa eficiente.

Mas quando a mentalidade trabalha em alto nível, traz novidades para as apetições da experiência mental. Nessa função, há um puro elemento de anarquia. Entretanto, a mentalidade, agora, torna-se autorreguladora. Ela canaliza suas próprias operações por meio de seus próprios juízos. Introduce uma apetição mais elevada que discrimina em meio a suas próprias produções anárquicas. Aparece a Razão. É a Razão assim concebida que é o objeto desta discussão. Temos que considerar a introdução da anarquia, a revolta da anarquia, o uso da anarquia e a regulamentação da anarquia. A Razão civiliza a força bruta da apetição anárquica. Para além da apetição anárquica, a natureza está destinada a decair lentamente rumo ao nada. A experiência meramente repetitiva elimina gradualmente elemento após elemento e desvanesce até o vazio. A mera apetição anárquica atinge rapidamente o mesmo fim, atingido lentamente pela repetição. A Razão é a encarnação, em nós, da contra-efetuação que salva o mundo.

